



PESSOAS PRIMEIRO

A Prioridade da Redenção Humana

NOVO: FUNDAMENTOS

Arte da Capa: *O Retorno do Filho Pródigo* de Rembrandt (c. 1663, Domínio Público)

PESSOAS PRIMEIRO

A Prioridade da Redenção Humana

por Sam Metcalf & Darren Prince

© 2018 Samuel F. Metcalf / Darren Prince / Novo



novo.org

Há uma multidão de empreendimentos excelentes ao nosso redor. Os chamados são tão grandes e tão numerosos, que os cristãos podem facilmente se perder entre eles, vendo-os a todos igualmente como missão. Fazendo o bem, eles ficam aquém do melhor. Ganhando as preliminares, eles podem perder o campeonato. Eles podem estar tratando uma coceira problemática, enquanto o paciente está morrendo de cólera. A questão das prioridades não pode ser evitada.

— Donald McGavran, *Entendendo o Crescimento da Igreja*¹

*Dirijo-me àqueles na igreja cujo “pacote santo” é a ação social cristã — paz, comida, reconciliação, justiça... Durante os últimos 19 séculos, em qualquer lugar do mundo, sempre que o movimento cristão enfatizou o fazer discípulos, duas coisas aconteceram... Fizemos alguns discípulos novos, plantamos algumas igrejas e tivemos uma influência desproporcional aos nossos números. Mas, sempre que a missão cristã negligenciou o fazer discípulos e se concentrou em outras facetas do trabalho de Cristo, nós não fizemos discípulos, não plantamos muitas igrejas e nem tivemos muita influência social! **Nossas causas sociais não vão triunfar, a menos que tenhamos um grande número de cristãos comprometidos.***

— George Hunter, *Boletim de Crescimento da Igreja*, março 1977

Na missão de serviço sacrificial da igreja, o evangelismo é primordial.

— O Pacto de Lausanne, 1974 (Parágrafo 6)

Pessoas Primeiro

A Prioridade da Redenção Humana

Durante o almoço, eu (Sam) estava tendo uma conversa profunda com uma pessoa que servia como missionário na organização que lideramos. Falávamos sobre a recente publicação de *Além da Igreja Local*, quando essa pessoa fez uma declaração desafiadora: “Creio que você enfatiza demais o evangelismo no seu livro. A missão de Deus e o que somos chamados a fazer é muito maior do que isso”.

Fui pego de surpresa. Então, mais tarde naquele dia, peguei o texto e literalmente contei o número de vezes que o termo “evangelismo” apareceu no livro. Estava lá... cinco vezes em 225 páginas, e três das instâncias estavam dentro de fontes que foram citadas. Excessivo? Dificilmente.

Entretanto, entendo a reação, e a crítica foi importante. Ela destacou tanto uma verdade bíblica e uma perspectiva missiológica lamentavelmente sentimental com implicações de longo alcance para aqueles comprometidos com o cumprimento dos propósitos missionários de Deus entre as nações.

Então, qual é a Missão de Deus?

Muito foi escrito e discutido no fim da segunda metade do século XX e no início do século XXI sobre a *Missio Dei* — a Missão de Deus — ainda que o conceito tenha uma longa história na consideração teológica. Um dos livros acadêmicos mais completos sobre o assunto é a excelente obra de Christopher Wright *The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative* (A Missão de Deus: Desbloqueando a Grande Narrativa da Bíblia). Ele faz um trabalho cuidadoso na definição dos termos da conversa. Ele escreve:

Essa [a Missão de Deus] tem sido frequentemente apresentada como uma narrativa de quatro pontos: *criação, queda, redenção, e esperança futura*. Toda essa cosmovisão é baseada na... afirmação de que há um Deus trabalhando no universo e na história humana, e que esse Deus tem um objetivo, um propósito, uma missão que será realizada pelo poder da Palavra de Deus e para a glória do nome de Deus. Essa é a missão do Deus bíblico.²

A partir desse ponto de partida — que “A missão pertence ao nosso Deus... A missão não é nossa; a missão é de Deus” — percebemos que a humanidade teve um papel delegado — uma incrível parceria — com o Deus vivo no cumprimento de sua missão. Wright continua, dizendo:

Missão, da perspectiva do nosso esforço humano, significa a *participação* comprometida do povo de Deus nos propósitos de Deus para a redenção de toda a criação. A missão é de Deus. O que é maravilhoso é que Deus nos convida a participar.³

O que é notável nessa definição é o escopo dessa atividade redentora. É o reinado e o domínio de Jesus — o Reino de Deus — sobre *toda* a ordem criada.

A este respeito, concordaríamos de coração com meu amigo naquela conversa mais cedo. A missão de Deus é muito maior do que apenas “evangelismo” e inclui a atividade multifacetada de Deus através de um universo perdido e marcado pelo pecado e de todos os elementos caídos desse universo. A Missão de Deus encontra o seu zênite no avanço do Reino através da vida, morte e ressurreição de Jesus, e irá realizar o seu cumprimento no futuro estabelecimento do reinado de Jesus em sua totalidade em um novo céu e uma nova terra.

Portanto, a Missão de Deus é espantosa em sua magnitude. Ela toca cada aspecto da criação em que o Espírito de Deus, trabalhando com e através do povo de Deus, se move como quer para endireitar todas as coisas. Essa atividade redentora toca em *tudo*: o universo físico, relações humanas, governo, educação, economia, pobreza, negócios, tecnologia, e todos os “ismos” do nosso mundo caído... uma lista interminável de esforços humanos que “geme junto, como em dores de parto... esperando ansiosamente ser liberta da servidão da corrupção e trazida para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Romanos 8:21-22).

Corrigindo o desequilíbrio

O que o nosso amigo estava expressando era uma preocupação sobre uma falta de equilíbrio pouco saudável, ou até mesmo uma negação, desse escopo da narrativa bíblica e dos comandos subsequentes. O que estava sendo corretamente destacado é um ponto de vista que, infeliz e periodicamente, perpassa todo o movimento cristão. É um desequilíbrio que ignora a natureza compreensiva e holística da *Missio Dei* e se concentra exclusivamente em elementos limitados da missão de forma mais ampla.

Ao longo de partes do século XX, muitos que poderiam ser caracterizados como “evangélicos — defensores de uma visão ortodoxa da Bíblia, da veracidade histórica da fé cristã, e da necessidade pela conversão pessoal — poderiam ser justamente caracterizados (e criticados) por exibir o que algumas chamaram de “A Grande Inversão” ou

“Negação” da totalidade da Missão de Deus. Foi então que o foco ministerial deles foi levado a um extremo, no qual a salvação das almas era o *único* foco da *Missio Dei* e a atividade redentora de Deus estava limitada a preparar indivíduos para o seu destino eterno e celestial.

Essa aberração veio em uma multidão de formas e formatos e afetou diferentes camadas do mundo protestante.

Felizmente, na parte final do século XX e no início do século XXI, esse desequilíbrio já havia sido desafiado em muitas frentes, e muitas correções saudáveis foram feitas.

Uma hipercorreção?

Infelizmente, essa correção pode ir longe demais. Ela pode se tornar uma “hipercorreção”. Um comprometimento com a Missão de Deus em toda a sua plenitude — às vezes referida como “holismo” — não significa que todos os componentes têm a mesma prioridade. Ainda que estejam definitivamente interconectados e sejam essenciais, eles não têm o mesmo valor.

Como afirma Donald McGavran:

O paralelismo recente tem sido camuflado por baixo do novo e atrativo termo “holismo”. “Seria muito limitado e partidário”, dizem alguns líderes influentes, “dizer que o evangelismo tem a mais alta prioridade. Na verdade, os cristãos deveriam antes considerar que todas as atividades da igreja são de igual valor. Isso é holismo”. Eu discordo. Certamente muitas coisas precisam ser feitas. A tarefa é extremamente complexa; mas essa complexidade nunca deve significar um paralelismo sem sentido. Evangelização mundial é uma obra principal e insubstituível da igreja.⁴

O que McGavran defende, junto a outros teólogos e missiologistas, é um entendimento da Missão de Deus em todo o seu escopo e grandeza, mas, ao mesmo tempo, com a percepção de que existem prioridades claras dentro dessa missão. E a prioridade é o propósito redentor de Deus de que as pessoas se relacionem apropriadamente com ele como filhos e filhas.

Todos os gurus de produtividade de hoje em dia nos dizem a mesma coisa: eficiência na vida e no trabalho é menos sobre gestão de tempo e mais sobre gestão de prioridades. Nós podemos ter uma mesa limpa, um sistema infalível, a nossa caixa de mensagens brilhando, e ainda assim nos ocuparmos em ser interminavelmente produtivos na direção errada. Prioridades importam.

Mas aqui está outro segredo com o qual todos os especialistas concordam: é impossível ter dezessete prioridades. Bem, é claro, podemos ter dezessete delas, mas não realizaremos muito (além de uma lista de tarefas muito bem-organizada e talvez até mesmo organizada por cores). Nós, humanos, somos bons em nos enganarmos. Chamamos fazer malabarismo com muitas prioridades de “ser multitarefas” e ainda fingimos que somos bons nisso. Mas os neurocientistas nos dirão que “ser multitarefas”, na verdade, não existe. Nossos cérebros foram feitos para lidar com uma coisa de cada vez. Pegue. Concentre-se. Conserte. Faça ou resolva. Coloque isso aqui e passe para a próxima coisa. Tente ler todas as frases desse parágrafo ao mesmo tempo.

Mostre-nos um negócio, uma instituição, ou, é claro, até mesmo um ministério que tenha dezessete prioridades e lhe mostraremos muita atividade com pouquíssimos resultados. (Em algum lugar por ali você também encontrará uma declaração de missão tão longa que ela nem cabe em um pôster motivacional para decorar as paredes do escritório. É melhor que o *pitch* de elevador seja para um prédio do tamanho do *Empire State*.)

Acontece que a própria palavra “prioridade” significa exatamente isso: algo que é tratado como mais importante. Se for tratado

da mesma maneira que uma pequena lista de coisas igualmente importantes, então, bem, isso não pode ser realmente chamado de prioridade.

Os mandatos duais da *Missio Dei*

Outra forma de ilustrar essa questão, particularmente de uma perspectiva missiológica, é o que Arthur Glasser e C. Peter Wagner descreveram como os dois mandatos que fazem a Missão de Deus: o “mandato cultural” e o “mandato evangelístico”. Wagner escreve:

Eles são tão claros e úteis quanto quaisquer expressões que encontrei para descrever as duas áreas principais da responsabilidade humana na execução do programa de Deus no mundo. Não é nem preciso dizer que na palavra “mandato” está implícito o conceito de que eles são *mandatórios*. Cristãos verdadeiros, para os quais Jesus é verdadeiramente Senhor, não têm o luxo de se sentar e definir calmamente se eles vão participar na realização de um ou do outro. Essa opção não existe. Servir a Deus, ao Rei, inclui necessariamente ambos o mandato cultural e o mandato evangelístico.⁵

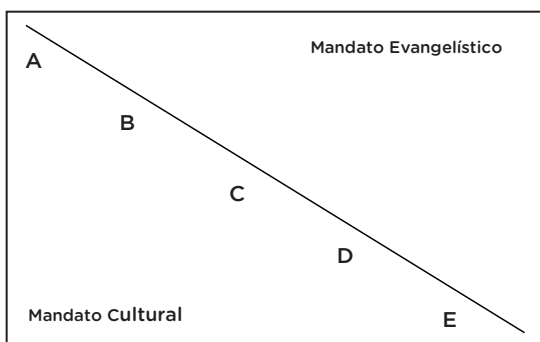
Ambos os mandatos têm sua origem em Deus. O cultural foi dado antes da queda, e “esses primeiros seres humanos receberam o que Robert Webber chama de ‘soberania delegada’ sobre a criação terrena de Deus. Eles deveriam tratar a criação como o próprio Deus trataria. Esse era o mandato cultural”.⁶

Não havia necessidade para o mandato evangelístico antes da queda. Mas, como Wagner escreve:

Toda a história da redenção que é contada em termos de aliança, sacrifício, expiação, arrependimento, novo nascimento, a cruz e ressurreição, resume Deus desenvolvendo o mandato evangelístico. Deus deseja que aqueles que deveriam estar em comunhão com ele sejam encontrados,

amados e trazidos de volta ao Pai. Ele é um Deus à procura de pessoas.⁷

Um dos melhores e mais minuciosos tratados sobre os mandatos duais é o volume *Church Growth and the Whole Gospel* (Crescimento da Igreja e o Evangelho Integral) de Wagner. No capítulo cinco, ele descreve as várias posições que podem ser tomadas no que diz respeito a esses dois mandatos e ilustra essas perspectivas.⁸



Posição A: defende que a missão de Deus inclui apenas o mandato cultural, e não o evangelístico.

Posição B: defende que a missão inclui os mandatos culturais e evangelísticos, mas que o mandato cultural tem prioridade.

Posição C: defende que o mandato cultural e o evangelístico têm parte igual na missão.

Posição D: defende que o mandato evangelístico tem prioridade sobre o mandato cultural.

Posição E: defende que a missão inclui apenas o mandato evangelístico, e não o cultural.

Wagner elabora nessas cinco posições e onde elas ocorrem no movimento cristão global de forma mais ampla, e ele faz isso de uma

forma abrangente e persuasiva. Após explicar cada uma, ele opina persuasivamente a favor da posição “D” como a mais consistente com a narrativa bíblica e com o foco geral da Escritura. Ele também argumenta a favor dessa posição a partir de uma perspectiva missiológica, afirmando que a realização em última instância da *Missio Dei* praticamente a requer, também a partir de uma perspectiva histórica e à luz de realidades contemporâneas.

A Posição “D” também é a posição que defendemos.

Há alguns anos fomos pegos de surpresa em uma violenta tempestade marinha durante um retiro de equipe a bordo de uma casa flutuante. A micro explosão de ventos fortíssimos, a chuva torrencial e as águas extremamente agitadas vieram tão de repente que ficamos completamente despreparados. Ainda que os nossos dois barcos estivessem ancorados em uma enseada arenosa naquele momento, o vento e as ondas eram tão ameaçadoras que de repente nos vimos lutando para manter os barcos presos à costa em vez de à deriva ou até mesmo virados. Dias mais tarde, ouvimos histórias de que barcos, não muito longe de onde estávamos ancorados, tinham sido completamente perdidos naquela mesma tempestade.

Nos momentos iniciais da tempestade, começamos a tomar decisões em frações de segundo sobre o que era importante. Claro, salvar os barcos era essencial. Havia muitos itens valiosos, até mesmo insubstituíveis, a bordo das duas embarcações: passaportes e documentos de imigração conseguidos com muita dificuldade, eletrônicos com dados e fotos preciosas, joias de família e instrumentos musicais de valor monetário e sentimental significativo. Toda a nossa roupa e comida para uma semana! Um barco perdido teria sido uma tragédia; todos aqueles itens preciosos afundados com ele teria sido catastrófico.

Você sabe com o que estávamos mais preocupados enquanto nos empenhávamos para garantir que as cordas estavam seguras e adicionar mais força de apoio para as âncoras que nos estavam mantendo em terra? *A segurança dos seres humanos envolvidos.*

Alguns de nós entramos em ação. Outros se juntaram em incredulidade e sussurraram orações. E outros entre nós ainda expressávamos repetidamente a preocupação pela prioridade mais importante entre todas as decisões que estavam sendo feitas em milésimos de segundo: as pessoas. Pessoas primeiro. Pessoas apenas. Deixem os barcos irem se necessário, mas salvem as pessoas a todo custo.

Priorização

Então, podemos priorizar? Devemos priorizar? A redenção humana é uma prioridade maior do que outros aspectos e componentes da missão de Deus? Pensamos que a resposta é um inequívoco “sim” por diversas razões importantes:

O Mandato Cultural não salva.

Como Wagner escreve, “Salvar a alma está acima de ganhar o mundo físico ou social.⁹ O mandato cultural não salva. É por isso que, em toda abrangência da missão Cristão e do Reino de Deus, o mandato evangelístico é primordial”.¹⁰

Como seguidores de Jesus, somos unicamente qualificados para essa tarefa redentora.

Muitos podem contribuir para o mandato cultural, porque fazer isso é bom. É correto. É necessário. Enquanto outras religiões, ONGs, programas governamentais, e indivíduos bem-intencionados podem se esforçar para atender às esmagadoras necessidades humanas evidentes em uma criação caída, apenas aqueles que seguem a Jesus podem abordar a alma humana despedaçada.

É verdade que, quando abordamos a alienação espiritual, não podemos separá-la do mandato cultural, e abordamos a nossa obrigação com o mandato cultural no nome e no poder de Jesus. Mas ainda

há a prioridade do foco que nós, como seus representantes redimidos, somos unicamente comissionados para e capazes de cumprir.

*O cumprimento do Mandato Cultural **requer** o cumprimento “a priori” do Mandato Evangelístico.*

“... sem a operação *prévia* do mandato evangelístico, não haveria ninguém para trabalhar no cumprimento da outra parte da missão holística — o mandato cultural. Repito que cumprir o mandato cultural não é opcional para os cristãos. É um mandamento de Deus e uma parte da missão cristã. Mas é verdade que, quando uma escolha deve ser feita com base na disponibilidade de recursos ou no valor dos julgamentos, a indicação bíblica é que o mandato evangelístico deve ter prioridade. Nada é ou pode ser tão importante quanto salvar almas da condenação eterna”.¹¹

Seres humanos importam mais quando um navio e tudo que há nele enfrenta perigo no mar. Salve os humanos para salvar os navios. O inverso não funciona.

Em meio a centenas de boas coisas para fazer, os cristãos deveriam ter clareza de que o trabalho insubstituível e mais importante da missão cristã é sempre o de trazer descrentes para a fé salvadora em Cristo e transformá-los em membros responsáveis de sua Igreja.¹²

A grande narrativa bíblica — do início ao fim — concentra-se primariamente, mas não exclusivamente, na redenção humana.

Como afirmado anteriormente, o escopo da Missão de Deus é fazer justas todas as coisas na totalidade da criação. Mas é difícil negar o imperativo bíblico de que os propósitos redentores de Deus se concentram, acima de tudo, na parte da criação que foi o ápice de seus atos criativos: a humanidade. É impossível evitar essa conclusão em qualquer leitura de Gênesis, capítulos 1 a 3, tanto quanto uma ênfase que começa aí e permeia toda a Escritura.

A missiologia não é uma miscelânea de vários ingredientes diferentes. Na verdade, é aquela ciência cujo firme objetivo é a evangelização do mundo em todos os seis continentes. O Salvador está no centro, e relacionar em fé e em obediência amorosa com ele é o fator motivador. Evangelização e missão não são uma centena de bons empreendimentos, todos com o mesmo valor. Missão holística (sem a priorização correta) “...pode resultar em uma geração frustrada de missionários que não irá nem mudar o mundo, nem discipular as nações”.¹³

Como Stephen Neill, um bispo anglicano e missionário na Índia, afirma: “*Se tudo é missão, então nada é missão.*”

Cuidados com a Priorização

Existem diversos cuidados e até mesmo críticas que são frequentemente direcionadas àqueles que abraçam a posição “D”.

1. *Se priorizarmos, podemos ter a tendência de gravitar em direção à posição “E” e ignorar a totalidade da nossa responsabilidade. Existe um medo de que o mandato cultural desaparecerá da nossa vista.*

Chris Wright diz bem:

“...Permita-me discordar da noção de que o evangelismo por si só irá resultar em mudança social, a não ser que os cristãos sejam também ensinados as demandas radicais do discipulado ao Príncipe da Paz, estejam buscando primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e entendam a plenitude do que a Bíblia tão enfaticamente mostra ser a missão de Deus para o seu povo”.¹⁴

A priorização não significa, nem demanda, um divórcio entre o mandato cultural e o mandato evangelístico. Eles não devem e não podem ser divididos. A Grande Comissão e o Grande Mandamen-

to devem andar de mãos dadas. Seguidores comprometidos de Jesus devem ser intencionais sobre ambos.

Pense desta forma. Se o Mandato Cultural é a música que todos os seguidores de Jesus foram criados para cantar, a Grande Comissão adiciona mais cantores ao coral. Imagine que o Deus vivo compôs uma maravilhosa peça-coral sinfônica com refrões melódicos de justiça para os pobres, uma terra recém recriada, e paz duradoura entre as nações. Ele a compôs para a sua glória, porque o cantar dela lhe traz prazer. Imagine que o Compositor não apenas fez o arranjo da música, ele designou os músicos e os cantores para cantá-la. Eles os deu vida e fôlego e todo instrumento musical para performar essa bela peça sobre fazer novas todas as coisas. Mas sem os cantores ela nunca seria escutada.

Não priorizamos a Grande Comissão sobre o Mandato Cultural porque preferimos uma em vez da outra. Priorizamos trazer pessoas para um relacionamento salvador com Jesus, porque queremos mais cantores para a música. Adicione mais pessoas ao coral e o cântico da justiça será cantado. Pare de adicionar cantores e a música se desvanece. A composição é enfiada em uma gaveta em algum lugar por aí. Outros tentam imitá-la, mas não é a mesma peça com o mesmo propósito.

Um antídoto prático útil para essa propensão é enfatizar a obediência a Jesus desde o nosso primeiro encontro e interação com qualquer pessoa distante de Deus. Se as Boas Novas são realmente boas novas, então “O que devemos fazer em resposta?” Uma orientação de obediência a Deus e sua Palavra, até mesmo entre aqueles que ainda não acreditam, ajuda a garantir que eventualmente seguir a Jesus seja muito mais do que uma eterna apólice de seguro. Significa obedecê-lo em todo aspecto da vida como um seguidor comprometido — um “discípulo”. Obediência a Jesus requer nada menos que um compromisso de todo o coração com ambos os mandatos.

2. *A priorização pode levar a um dualismo pouco saudável e até mesmo a uma compartimentalização que segrega o sagrado do secular e o espiritual do natural.*

Tal segregação, na verdade, encontra a sua fonte em uma teologia inadequada do Reino através da qual a presença do Reino é vista primariamente como um evento futuro. Essa visão defende que a presença e a atividade do Espírito de Deus é consideravelmente limitada na era presente, e que o irromper que encontramos em Jesus não se transfere para o aqui e agora com nenhum senso de realidade sobrenatural.

É a mesma deficiência teológica que pode, às vezes, justificar uma perspectiva cessacionista quando se trata de manifestações de maravilhas e milagres sobrenaturais atualmente.

O verdadeiro problema não é a priorização, mas o que acreditamos e experimentamos da realidade de Jesus e do ministério sobrenatural do Espírito na experiência cotidiana. Uma convicção escatológica inaugural é o remédio essencial para esse dualismo, no qual o espaço entre o sagrado e o secular é demolido e distinção entre o espiritual e o natural se torna muito, muito tênue.

O teólogo James K.A. Smith, referindo-se ao trabalho do filósofo Charles Taylor, desafia o secularismo funcional dos cristãos que tentam operar fora de um panorama sobrenatural:

Os seus vizinhos habitam o que Charles Taylor chama de uma “moldura imanente”; eles se incomodam mais pela “questão de Deus” como uma questão, porque eles são devotos de um “humanismo exclusivo” — uma maneira de estar no mundo que oferece significado sem transcendência. Eles não sentem falta de nada.

Então, como é ser testemunho em uma era secular? Como é ser fiel? Até que ponto os cristãos absorveram involuntariamente as tendências desse mundo? De um lado, isso

levanta a questão sobre como alcançar humanistas exclusivos. Por outro lado, essa questão ricocheteia para a igreja: até que ponto nós “cremos” como humanistas exclusivos?¹⁵

3. *Muitos que argumentariam pela posição “C”, o fazem porque sentem que a prioridade é desnecessária. Se buscarmos a Missão de Deus em sua totalidade, eles acreditam ser inevitável as pessoas entrarem em um relacionamento redentor com Jesus. Eles acreditam que ser a presença de Jesus em obras irá naturalmente resultar na mensagem salvadora de Cristo sendo realizada entre os seres humanos.*

Nós realmente gostaríamos que isso fosse verdade, mas não é.

Por exemplo, hoje no Oriente Médio, estamos vendo números sem precedentes de pessoas se tornando seguidoras comprometidas de Jesus. Um dos nossos obreiros explicou muito claramente que as boas obras — atender às necessidades físicas dos refugiados, ministrar os deficientes e os inválidos, cuidar de mulheres abusadas e órfãos, etc. — por si só não levam pessoas à fé salvadora. Ele descobriu repetidas vezes em sua experiência que a proclamação verbal *no início do relacionamento com alguém distante de Deus* é uma necessidade absoluta. Deve haver um filtro, uma estrutura, um paradigma através do qual as boas obras são entendidas. Ser Boas novas devem ser acompanhado de *falar* as Boas novas.

Se uma abordagem encarnada verdadeiramente toma emprestado da abordagem que Jesus usou, então vamos segui-la até o fim. O próprio Jesus combinou presença com proclamação. O “Verbo se fez carne” não apenas para andar na Terra, viver uma vida exemplar, ou até mesmo para sofrer a morte e ser ressuscitado para a vida. Jesus não veio apenas para “ser” Boas Novas, mas *para proclamar* as Boas Novas do Reino de Deus. O Verbo se fez carne, mas não parou de usar palavras.

Todo relato do Evangelho registra tanto os ensinamentos de Jesus *quanto* as suas ações. Até mesmo na cruz, Jesus proclamou o Reino para a pessoa que estava ao seu lado. Se quisermos seguir seus

passos modelando nossas vidas de acordo com a dele e chamá-la de “encarnada”, precisaremos aquecer nossas cordas vocais.

Então, para resumir, simpatizamos com essas três preocupações legítimas. Porém, vemos pouco na Bíblia, na história ou na experiência contemporânea que prove que elas sejam verdade ao ponto que elas invalidariam o nosso compromisso com a prioridade da redenção humana. Na verdade, é o oposto.

Na missão hoje, muitas tarefas devem ser realizadas em conjunto; ainda assim, a multiplicidade de boas ações devem contribuir para, e não afastar, a máxima reconciliação de homens e mulheres com Deus na igreja de Jesus Cristo.¹⁶

Os Três “P’s” essenciais

Talvez haja outra maneira de ver tudo isso, se olharmos por lentes missiológicas. Existem 3 “P’s” que nos ajudam a ilustrar o que é necessário para comunicar e viver as Boas Novas de Jesus.

Presença: Colossenses 3:17 – ...em tudo o que façamos, seja em palavra ou em obras...

Nada é tão poderoso quanto a presença nos planos e propósitos redentores de Deus. Isso está claramente ilustrado pela própria natureza da encarnação. Jesus se torna “carne e sangue e se muda para o bairro”.¹⁷ A importância do ministério encarnado nunca deve ser subestimada.

Proclamação: Colossenses 1:28 – nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um.

Atos encarnados devem ser combinados com palavras para que os atos tenham sentido redentor. Hindus ou budistas, ou ateus bem-intencionados, são capazes de atos de amor e de misericórdia. Porém, esses atos nunca sobrevivem por conta própria, sem proclamação, a qual declara o “porquê” por trás das ações. Ações requerem uma estrutura verbal de interpretação.

Basta observar os atos proféticos encenados pelos profetas do Antigo Testamento. Não importa se eles estavam esmagando cerâmica, chamando uma mulher infiel de “esposa”, ou se deitando apenas de um lado por semanas, cada ação com intenção de ser um “sinal” era acompanhada por um discurso profético interpretativo. Esses profetas também eram “anunciadores”. Leia Jeremias ou Isaías. Eles tinham muito a dizer por si mesmos. Quando é que a igreja passou a crer que poderia quebrar cerâmica (ou plantar jardins comunitários, suprir bancos alimentares, ou facilitar reconciliação racial) e não explicar o porquê por trás de tudo?

Persuasão: 2 Coríntios 5:11 — persuadimos a homens e mulheres...

Enquanto obra e palavra são elementos necessários para a comunicação efetiva das Boas Novas, há um terceiro elemento que é essencial de uma perspectiva bíblica: a persuasão. Fazemos, dizemos, e então persuadimos homens e mulheres a fazerem um compromisso e voluntariamente responderem às reivindicações de Jesus como Senhor e Mestre de suas vidas. Os propósitos redentores de Deus não estão completos até que haja uma resposta.

A Escritura também aponta claramente para o fato de o que elemento mais importante na “persuasão” é a demonstração de poder sobrenatural, ou seja, o que a Bíblia chama de “sinais e maravilhas”. É aí que o Espírito de Deus se move e o sobrenatural invade o natural. É o que Jesus demonstrou repetidamente em seu ministério terreno. É o padrão que se repete por todo o livro de Atos e em como os seguidores iniciais de Jesus interagem com aqueles que estavam distantes de Deus. De acordo com João 14:12, isso não é menos verdadeiro para nós hoje.

Obras sozinhas são com frequência insuficientes. Palavras sozinhas podem ser inadequadas. Mas palavras, obras, e poder juntos produzem um catalisador divino e quase irresistível para atrair pessoas distantes de Deus em direção a um compromisso de mudança de vida como seguidoras de Jesus. Todos são necessários para que os propósitos redentores de Deus sejam cumpridos entre a família humana.

As implicações?

A perda de Foco

Quando o mandato evangelístico não é a prioridade, outras coisas boas (todas também parte do mandato cultural) podem facilmente afastar a coisa mais importante.

Sejamos honestos. É muito mais fácil compartilhar um copo de água gelada em nome de Jesus do que ajudar a levar uma pessoa a fé salvadora em Jesus. É claro, compartilhar um copo de água gelada pode ser — e deve ser — uma parte desse processo redentor; mas por si só, é insuficiente. Podemos ser defensores apaixonados e levantarmos a nossa voz pela pacificação, pelo cuidado com os pobres, ou pelo atendimento das necessidades físicas daqueles que sofrem, e ainda assim podemos perder de vista que nas Boas Novas de Jesus tudo é sobre a redenção humana. Ainda que atos de amor possam demonstrar tangivelmente o irromper do Reino, eles nunca irão garantir que as pessoas se tornem seguidoras comprometidas do Rei. *E, a menos que as pessoas estejam se tornando seguidoras do Rei, o Reino não está inteiramente presente.*

A Perda de Ímpeto

Wagner observa que “movimentos cristãos que trocaram as prioridades frequentemente se tornaram frustrados”¹⁸ e dá exemplos de como isso tem acontecido historicamente.

Porém, acreditamos que é mais que frustração. Quando as prioridades são mudadas ou se tornam pouco claras — passar da posição “D” para a posição C, B ou A — é como se toda força motivacional do movimento cristão fosse neutralizada. Isso pode acontecer com congregações locais, denominações e organizações missionárias. Ninguém está imune.

Ainda que não seja a única razão, é certamente uma das razões primárias para o declínio precipitado das denominações históricas no movimento cristão no mundo ocidental. Algumas dessas instituições perderam de vista a razão primária pela sua existência. Enquanto ainda, talvez, comprometidas com objetivos nobres e valorosos que servem para a melhoria da humanidade, elas perderam a razão abrangente e transcendente que as separa de todos os outros esforços humanos nobres. Fazendo isso, elas se tornam no imperador que não tem roupas!

A Perda das Realidades Eternas

Também há uma sutil, mas incrivelmente influente, perspectiva teológica que pode efetivamente esvaziar e diminuir a prioridade da redenção humana. É a noção de que a própria natureza de Deus é boa demais para condenar a humanidade para a separação eterna dele, ou seja, o que é comum e historicamente definido como o “inferno”. Ainda que essa não seja uma nova postura teológica, e seja algo que tem sido discutido ao longo dos séculos e de uma forma ou de outra, ao longo da história da igreja, essa posição tem encontrado novas vozes contemporâneas.

Ainda que existam muitos problemas com essa posição teológica e bíblicamente, existe uma implicação óbvia e prática no que diz respeito à prioridade da redenção humana. Se as pessoas não estão realmente “perdidas”, então para que precisamos de redenção? Se não existem consequências da nossa natureza ou das nossas ações em nosso relacionar com um Deus santo, então, por que deveria haver qualquer senso de prioridade em ajustar esse relacionamento? Todo o centro motivacional do movimento cristão é eviscerado se seguirmos essa forma de pensar até a sua conclusão lógica. Quando isso acontece em nível organizacional ou institucional, os resultados são trágicos. Wagner entra em detalhes sobre as implicações e se refere a exemplos históricos e contemporâneos proeminentes como o Movimento Voluntário Estudantil, o YMCA, e outros.¹⁹

O Grande “Porquê”

Quando tudo já está dito e feito, por que a redenção humana deve ser uma prioridade e ter uma posição máxima na *Missio Dei*? Qual deveria ser o resultado dessa prioridade?

Creemos que isso foi poderosamente capturado na visão de João em Apocalipse 7:9:

“...Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro” (NVI).

Esse é o resultado de colocar as pessoas em primeiro lugar. O Reino de Deus e o reinado e o governo de Jesus se concretizam nessa magnífica cena celestial. Quando tudo está dito e feito, isso é o que importa no final das contas. E tudo o que fazemos deve de alguma forma contribuir para essa visão das nações reunidas em adoração perpétua ao Único que é Digno.

Os movimentos do Evangelho para os quais trabalhamos como um grupo global de missionários apostólicos são, na verdade, um meio para um fim muito maior. Cremos que os resultados de tais movimentos do Evangelho são “...quando muitas pessoas se tornam seguidoras comprometidas de Jesus e grupos desses discípulos se multiplicam rapidamente”.

O que Deus nos confiou graciosamente — em diferentes épocas, em diferentes lugares e em diferentes ritmos — é impressionante quando esses componentes se juntam em uma extraordinária e unificada sinfonia. Um paradigma tão notável e cada vez mais claro de movimento tem se tornado a estrela guia da nossa filosofia de ministério.

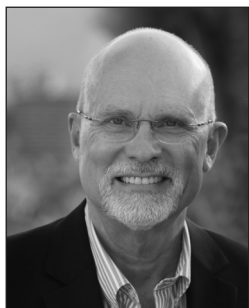
Enquanto “o que fazemos” e “como fazemos” são importantes, cremos ser essencial abraçar mais profundamente “por que fazemos”. Deus continua a responder, gentil, mas firmemente, a essa pergunta e a nos unir em direção ao grande escopo e a magnitude desse chamado. No cerne desse chamado está a prioridade de salvar as pessoas primeiro, o que chamamos de “Prioridade da Redenção Humana”. Sem isso, não haveria uma cena como a de Apocalipse 7:9.

Essa visão cósmica se estende para além do tempo e do espaço. Quando Deus nos chama para si, e para uma união e comunhão íntima com cada aspecto da sua natureza trina, ele também nos chama para um dos anseios mais profundos do seu próprio caráter. Ele anseia que

participemos com ele em seu magnífico e amplo propósito redentor, para reivindicar como sua ...“uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro” para que então Jesus seja adorado e glorificado para todo o sempre.

Fontes

- 1 McGavran, Donald A. 1970, (1990 – Third Edition) *Understanding Church Growth*. Grand Rapids, MI, Eerdmans, pg. 21.
- 2 Wright, Christopher J. H. 2006, *The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative*, Downers Grove, IL, IV Press, pg. 64.
- 3 Ibid, pg. 67.
- 4 McGavran, pg. 65.
- 5 Wagner, C. Peter, 1981, *Church Growth and the Whole Gospel*, New York, Harper and Row, pg. 51.
- 6 Ibid, pg. 12.
- 7 Ibid, pg. 51.
- 8 Ibid, pg. 102.
- 9 Ibid, pg. 100
- 10 Ibid, pg. 101.
- 11 Ibid, pg. 101.
- 12 McGavran, pg. 279.
- 13 Wagner, pg. 92.
- 14 Wright, pg. 321.
- 15 Smith, James K. A.. *How (Not) to Be Secular* (Kindle Locations 44-51). Wm. B. Eerdmans Publishing Co.. Kindle Edition.
- 16 McGavran, pg. 32.
- 17 John 1:14, *The Message*
- 18 Wagner, pg. 117.
- 19 Wagner, pg. 117



Sam Metcalf serviu como presidente da Novo-EUA (antiga CRM) de 1985 a 2022, buscando recrutar e capacitar líderes para o ministério apostólico e criar estruturas apostólicas pioneiras, como a Novo, que multiplicarão os movimentos do Evangelho em todas as nações. Hoje, ele coordena a CoNext — a parceria global de entidades semelhantes à Novo em um número cada vez maior de nações que compartilham missão, visão e crenças mútuas — todas lideradas por líderes nacionais. Ele tem um diploma de graduação pela Universidade da Virgínia, um mestrado pela Escola de Estudos Interculturais do Seminário Fuller e um doutorado pela Escola de Teologia Fuller. Sua esposa, Patty, está igualmente envolvida no ministério com um foco mais específico na oração de cura. Sam e Patty vivem no Sul da Califórnia e têm dois filhos adultos e seis netos.



Darren Prince nasceu no Tennessee e cresceu na Califórnia. Graduado pelo Wheaton College, ele mora atualmente em Londres com sua esposa, Pam, e seus três filhos, que estão soando cada vez mais britânicos. Desde 1997, Darren serve com a InnerCHANGE, uma ordem missionária da Novo entre os pobres. Darren e Pam começaram um novo ministério entre a juventude sem-teto no distrito de Haight-Ashbury, em San Francisco, até 2007. Por mais de dez anos, os Prince viveram em Tower Hamlets, parte da densamente urbana Londres oriental, lar de imigrantes de países de todo o mundo. Em sua função com a InnerCHANGE, Darren supervisiona 16 equipes em 11 países.



A Novo é um grupo de missionários criativos enviados para multiplicar movimentos do Evangelho e para mobilizar a igreja para essa missão ao redor do mundo.

Mais de 600 membros de tempo integral da Novo ministram em uma variedade de culturas e contextos em mais de 100 nações. A Novo também oferece treinamentos para centenas de pastores, líderes de igrejas, e plantadores de igrejas em parceria com mais de 50 denominações em toda a América do Norte.

Chamados a serem determinados, inovadores e receptivos à liderança do Espírito, os colaboradores da Novo são, em primeiro lugar, discípulos: profundamente empenhados em conhecer e seguir Jesus. Onde quer que sirvam, eles são os que acendem o fogo, multiplicando o seu impacto, equipando, empoderando e colaborando uns com os outros. Os missionários da Novo gostam de correr riscos, de enfrentar novos desafios, e estão dispostos a arriscar as suas vidas pela causa de Cristo. Eles compartilham o melhor que têm para multiplicar movimentos do Evangelho. E eles acreditam que nada é tão importante quanto alcançar as nações com as Boas Novas de Jesus.

Para mais informações, visite novo.org (antiga CRM Empowering Leaders).



NOVO

2021